

# Más notícias sobre a sida

**SAÚDE** O cientista que descobriu o vírus da sida está em Portugal, o segundo país da Europa com a maior taxa de incidência do HIV na população. Num país mal informado sobre a doença, Abraço e Liga Portuguesa Contra a Sida salientam a necessidade de apostar na prevenção

**H**á jovens que acham que a pílula os protege do vírus da sida. Uma simples análise ao sangue permite detectar a infecção, mas mais de metade da população nunca fez o teste. Muitas pessoas só descobrem a doença quando surgem os primeiros sintomas, numa fase em que é mais difícil controlar a progressão da doença. A taxa de incidência do vírus na população aumentou, sendo hoje a segunda mais elevada de toda a Europa.

Estes são alguns dos aspectos que compõem o panorama da doença em Portugal. Quase tudo más notícias, na semana em que Luc Montagnier, o cientista que descobriu o vírus da sida, está no Estoril para participar no primeiro congresso ibérico sobre Medicina Anti-Envelhecimento e Tecnologias Biomédicas.

Foi há 25 anos que Luc Montagnier e a sua equipa identificaram, nos laboratórios do Instituto Pasteur, em Paris, o agente causador de uma doença que, no início da década de 80, começou a afectar a comunidade homossexual dos EUA e que assumiria proporções de epidemia crescente, com casos de transmissão entre mães e filhos, toxicodependentes e em transfusões de sangue.

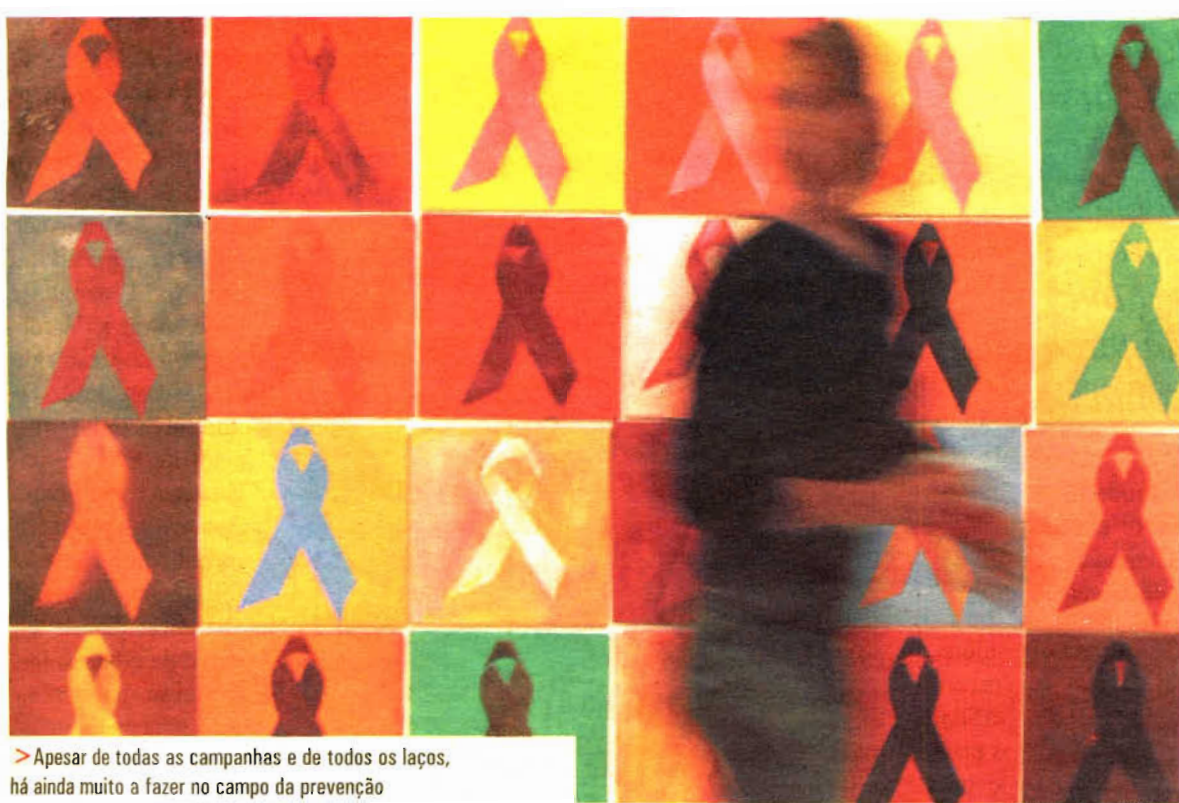


Foto de Yorgos Karahala/REUTERS

> Apesar de todas as campanhas e de todos os laços, há ainda muito a fazer no campo da prevenção

A descoberta do vírus trouxe grandes avanços no conhecimento da infecção, contribuindo para desenvolver medicamentos que permitem controlar a progressão da doença e para identificar as formas de contágio. «Mudou muita coisa. As pessoas passaram a ter uma noção sobre um vírus que não conheciam e, a partir daí, avançou-se com estudos e evoluções na área dos medicamentos. Mudou também toda a atitude que os governos foram tendo em relação aos doentes e à terapêutica. Infelizmente, em Portugal, não se tem apostado na área da prevenção», alerta Margarida Martins, presidente da Abraço.

### **Equívocos em Portugal**

A descoberta do vírus serviu também para perceber que esta não é uma doença exclusiva da comunidade homossexual: a sida transmite-se pela via sexual, quer se trate de uma relação homo ou heterossexual, e a única forma de prevenir a infecção através do relacionamento sexual é usando preservativo.

Contudo, mais de duas décadas depois, continuam a existir equívocos e Portugal não lhes escapa. Um inquérito da investigadora Aliete Cunha-Oliveira, da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, divulgado no início deste ano, indica que um em cada dez estudantes universitários de Coimbra acredita que a pílula anticoncepcional protege da infecção por HIV/Sida. Mais de metade dos estudantes (52,6 por cento) diz usar sempre o preservativo, mas isso significa que os restantes não usam, submetendo-se ao risco de contágio ou colocando outros em risco.

Em 2005, os casos de sida notificados apontavam para uma tendência evolutiva crescente da transmissão heterossexual, de acordo com um estudo sobre o estado da infecção HIV/Sida em Portugal, realizado pelo Centro de Vigilância Epidemiológica das Doenças Transmissíveis do Instituto Nacional de Saúde Ricardo Jorge. Em 2005, no segundo semestre, 52,7 por cento dos casos já eram referentes a esta forma de infecção.

São as consequências da falta de prevenção, insiste Margarida Martins, para quem esta é uma área onde permanece algum preconceito. «A prevenção continua a ser feita junto de minorias, quando a maioria está com um problema gravíssimo, porque as pessoas acham que sabem tudo e não se previnem. Quando jovens universitários acham que a pílula basta para prevenir a infecção pelo vírus da sida, em que país estamos?»

As estatísticas são reflexo desta realidade. «Portugal era o quinto país da Europa ao nível da taxa de incidência da sida na população. Neste momento somos o segundo», lamenta Margarida Martins.

O primeiro caso em Portugal foi diagnosticado em Outubro de 1983 e, de acordo com os dados do Programa Nacional de Prevenção e Controlo da Infecção VIH/SIDA, até ao fim de 2006 foram notificados 30.366 casos de infecção. Segundo estimativas das Nações Unidas, existirão em Portugal cerca de 32 mil pessoas infectadas, entre indivíduos do grupo etário dos 15-49 anos.

# Clima e globalização são factores de risco

Na área das doenças infecciosas, há novas preocupações a ter em conta. As modificações climáticas propiciam o aparecimento de doenças com novas características, ou a sua ocorrência em novos locais, avisa António Sarmento, director do serviço de doenças infecciosas do Hospital de S. João. «Devido às mudanças do clima, vai aparecer malária ou dengue onde não existiam e as áreas onde existe febre amarela podem mudar, por exemplo», explica.

O problema são as zonas de climas temperados que, com as alterações climáticas, se tornam em zonas com climas mais próximos dos tropicais, «onde os agentes transmissores de certas doenças, por exemplo, alguns tipos de mosquitos, terão as condições ideais para viverem e transmitirem as infecções». Num mundo globalizado, também aumenta a possibilidade de esses vírus serem transportados pelas pessoas por vários pontos do globo.

A isto soma-se o problema das bactérias, que, como refere António Sarmento, «tiveram modificações genéticas que permitiram desenvolver mecanismos de resistência aos medicamentos». As bactérias são organismos vivos, com «uma plasticidade genética fantástica» e, neste momento, algumas tornaram-se «resistentes a todos os antibióticos», recriando o cenário clínico que existia «na fase anterior à descoberta dos antibióticos».

# Associações endividadas

Desde Janeiro deste ano que as associações que trabalham na área do HIV/Sida em Portugal deixaram de receber financiamento do Estado. Os técnicos estão desde essa altura a trabalhar sem remuneração e as instituições tiveram de se endividar, vivendo neste momento uma situação de «estrangulamento financeiro», revela Maria Eugénia Saraiva, da Liga Portuguesa Contra a Sida.

O Ministério da Saúde (MS) estará disponível para resolver o problema. Numa reunião realizada na última terça-feira com a ministra, ficou o compromisso de, em Junho, as associações receberem as verbas em atraso. «A senhora ministra foi receptiva às nossas preocupações e mostrou disponibilidade para apoiar as associações a procurar formas alternativas de financiamento. Uma das soluções poderá ser a celebração de contratos-programa entre o MS e o Instituto de Segurança Social», observa Maria Eugénia Saraiva.

No entanto, estes meses sem verbas pesam. «Há despesas que não vão ficar cobertas, porque as instituições endividaram-se», nota a responsável, que assumiu as funções de porta-voz das 11 associações que trabalham nesta área.

**É importante  
fazer o teste**

Ainda não há cura, mas, nas últimas décadas, a doença baixou consideravelmente os níveis de mortalidade no mundo ocidental. O mérito é dos medicamentos e das terapêuticas desenvolvidas para transformar a sida numa doença controlada.

«A sida pode manter-se controlada durante muito tempo», assegura António Sarmento, director do serviço de Doenças Infecciosas do Hospital de S. João. Claro que isso tem «custos» para o doente, já que nunca se trata de uma pessoa totalmente saudável. «Ter sida é sempre um peso, ou porque se têm alguns efeitos colaterais da medicação, ou porque se têm os efeitos da doença ou, no caso de não ter nem uns nem outros, porque se vive com o espectro da doença», explica o médico.

O problema é que a medicina pouco ou nada pode fazer quando a doença já está numa fase avançada. E não falta quem só descubra que está infectado pelo vírus da sida já muito tarde. «Infelizmente, ainda temos um grande número de pessoas que só descobrem que têm a doença quando já têm sintomas. Muitas vezes as pessoas vêm ao hospital com uma pneumonia, ou com alterações neurológicas, que são já sintomas de sida. Isso significa que o vírus poderá ter já vários anos de permanência no organismo do doente, por vezes mais de 10 anos», observa António Sarmento.

O ideal é que se descubra a infecção numa fase assintomática, porque isso significa que «se vai contagiar menos pessoas e que será mais fácil controlar a progressão da doença». Para isso era preciso que as pessoas, nomeadamente as que têm comportamentos de risco (relações sexuais desprotegidas ou partilha de seringas, por exemplo), fizessem o teste que permite identificar a presença do vírus.

Também nesta área os números não enganam: de acordo com um estudo do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, mais de metade (55,2 por cento) dos portugueses nunca fizeram o teste HIV/Sida. Isto apesar de 60 por cento admitirem não ter usado preservativo na primeira relação com o parceiro mais recente. Se não fosse a obrigatoriedade da realização do teste nas mulheres grávidas, a percentagem de pessoas que nunca testou a exposição ao vírus seria ainda maior.